

**O cinema como simulacro: uma análise da violência cotidiana através do filme
Laranja Mecânica**

**The movie as a simulacrum: an analysis of everyday violence through the motion
picture a Clockwork Orange**

Alisson Gutemberg*

Resumo: A sociedade atual é marcada por um alto índice de violência. Sejam no jornal impresso, na TV, ou até mesmo na internet, matérias que retratam esse contexto aparecem corriqueiramente. A espetacularização da violência se tornou comum, e uma das possíveis causas é a concorrência pela audiência. Porém de acordo com Jean Baudrillard (1991) estamos na época das simulações e dos signos conduzidos pela cibernética, onde os modelos e os códigos aparecem como referência para o real, e assim, o simulacro precede os fatos. Desta forma, o presente trabalho tem por objetivo analisar de que forma o filme *Laranja Mecânica* (Stanley Kubrick, 1971) funciona como simulacro dentro do contexto atual. Para tanto, serão analisadas três matérias - dos sites Folha de São Paulo, G1 e Pragmatismo Político - que retratam atos de violência do cotidiano, com o intuito de observar como a obra citada se relaciona com os fatos ocorridos e retratados pela mídia.

Palavras-Chave: Filme. Stanley Kubrick. Simulação. Mídia. Cotidiano.

Abstract: Contemporary society is marked by a high rate of violence. Be printed in the newspaper, on TV, or even on the internet matters that appear routinely portray this context. The spectacle of violence became commonplace, even on account of the fight for audience. But according to Jean Baudrillard (1991) are in the time of the simulations and of the signs carried by the cybernetics, where the models and codes appear as a reference for the real, and thus, the simulacrum precedes the facts. Thus, this study aims to examine how the *Clockwork Orange* (Stanley Kubrick, 1971) movie works as a simulacrum within the current context. For this, we analyzed three news - the sites Folha Online, G1 and Pragmatismo Político - that depict acts of violence of everyday life, in order to observe how the cited work relates to the events and portrayed by the media.

Keywords: Movie. Stanley Kubrick. Simulations. Media. Everyday.

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba (PPGC/UFPB). Integrante do Grupo de Estudos em Cinema e Audiovisual (GECINE/UFPB). E-mail: alissongutemberg.jornalista@gmail.com

1. A narrativa cinematográfica e a produção de sentido:

Toda narrativa, de acordo com Metz (citado por Gaudreault; Jost, 2009), é constituída por cinco aspectos: começo e fim; sequência com duas temporalidades (a da coisa narrada e a da narração); discurso; “desrealização” da coisa narrada – adquirida através da consciência de que se trata de uma narrativa; e, por fim, uma sequência de acontecimentos. Em sua estruturação temos elementos do domínio do não verbal (a imagem, a música e os ruídos) e do verbal (diálogos e menções escritas). Nos interessa aqui observar como a imagem em movimento (aspecto do não verbal) se organiza no filme *Laranja Mecânica* e, assim, produz sentido através da representação da violência.

No entender de Vernet (1995) a narrativa fílmica é um enunciado que se apresenta em forma de discurso. Todo texto narrativo é um enunciado em sua materialidade, pois é ele que se encarrega da história a ser contada. No entanto, o enunciado que, no romance, é formado apenas pela língua, no cinema compreende imagens, palavras, menções escritas, músicas e ruídos. Quanto à narrativa ficcional, ela é formada por meio de um universo diegético. A diegese é a estória compreendida como mundo fictício, onde os elementos se formam para montar um aspecto global, lhe conferindo veracidade ou verossimilhança. Para o autor, trata-se do momento em que a ficção se materializa e se torna um conjunto. Esse universo compreende a série das ações, seu contexto construído (seja ele geográfico, histórico ou social) e o ambiente de sentimentos e motivações presentes na trama.

A narrativa clássica hollywoodiana, na qual se enquadra o filme de Kubrick, preza por uma representação naturalista, através de uma concepção do objeto cinematográfico como produto fabricado. Para isso, no entender de Xavier (2005), três características são observadas: uma decupagem que produz ilusionismo e deflagra o mecanismo de identificação; a elaboração do método de interpretação dentro de um princípio naturalista e uma preferência pela filmagem em estúdios, com cenários também construídos de forma naturalista; e, por último, a escolha de histórias pertencentes a gêneros narrativos como melodramas, aventuras, histórias fantásticas, entre outros. “Tudo nesse cinema caminha em direção ao controle total da realidade criada pelas imagens – tudo composto, cronometrado e previsto” (XAVIER, 2005, p. 41). A ideia é montar um sistema de representação que anule qualquer dúvida: tudo deve parecer verossímil.

2. “Simulacros e Simulação” - o papel do Cinema:

De acordo com Jean Baudrillard (1991) vivemos em uma era constituída por simulações e novas formas de cultura, tecnologia e, até mesmo, de organização social. Se antes, na modernidade, tínhamos uma produção controlada pela burguesia, hoje vivemos a época das simulações e dos signos conduzidos por três elementos: a cibernética, os modelos pré-estabelecidos e os códigos. Para o autor não existe mais distinção entre o mundo real e a simulação.

No entender de Baudrillard a realidade deixou de existir. O que vivemos hoje é a representação da realidade, difundida, na sociedade pós-moderna, pelos meios de informação de massa. Porém a história é o nosso referencial que, muitas vezes, se encontra perdido. O Cinema, para o autor, é um dos agentes que assume o papel de reorganizar essa história. Nesse processo, o Cinema (meio) tem a função de mediar, através dos laços criados entre o passado e o presente, ou até mesmo entre o presente e o futuro. O autor cita um outro filme de Kubrick, *Barry Lyndon* (1975), como exemplo dessa mediação entre passado e presente: o Cinema, em *Barry Lyndon*, simula uma época específica e remonta, através da *mise-en-scène*, o passado .

Baudrillard argumenta que a relação, hoje em dia, entre o Cinema e o real é marcada por uma perda. A perda de especificidades de um e outro. Ele analisa o filme *Síndrome da China* (James Bridges, 1979) para exemplificar seus argumentos. Na obra de Bridges, um canal de TV faz uma reportagem numa usina nuclear. Esta visita provoca um acidente, deixando todos em pânico. Então, de acordo com o autor, após o lançamento do filme aconteceu um acidente em uma usina e o que se observou foi que o comportamento das pessoas era semelhante ao dos personagens. Desta forma, adentramos no conceito de *hiper-realidade*, situação na qual o real é substituído por modelos.

Outro exemplo citado por Baudrillard refere-se aos games como modelos de simulacros. Segundo o autor, após a queda da URSS, um jogo de computador foi lançado, no qual o Presidente – por razões de saúde – tem de se ausentar por um período e, assim, acontece um golpe de Estado. Alguns anos após o lançamento do jogo ocorreu algo parecido. O então presidente da Rússia se retirou por um período e houve uma tentativa de golpe.

Para Baudrillard vivemos em uma era cujos símbolos têm mais força do que a própria realidade, por isso é que surgem os simulacros e as simulações do real. Ele analisa o filme *Apocalypse Now* (Francis Ford Coppola, 1979), compreendendo a obra de Coppola como uma

extensão dos fatos. De acordo com o autor, Coppola faz o filme como os americanos fizeram a guerra, apelando para os mesmos exageros e o mesmo êxito. Na verdade, trata-se de um prolongamento da guerra. Trazendo a obra de Baudrillard para um contexto mais próximo, lembramos que, após o ataque às Torres Gêmeas, há inúmeras comparações entre o episódio real e o filme *Nova York Sitiada* (Edward Zwick, 1998).

Desta forma, na sociedade atual, segundo Baudrillard, existem estratégias de terror mental e de dissuasão através do suspense e da eterna simulação de catástrofes, por isso a única forma de remediar este cenário é fazendo acontecer a catástrofe, ou seja, é “produzindo ou reproduzindo a catástrofe real” (1991, p. 76). No entender do autor, a sociedade contemporânea tem se afastado do mundo real e se concentrado no mundo das imagens fabricadas pelos meios massivos. Ele destaca uma nova cultura de massa, onde os signos e as imagens são os elementos ativos do processo de significação. E por isso

“o cinema nas suas tentativas atuais aproxima-se cada vez mais, e com cada vez mais perfeição, do real absoluto, na sua banalidade, na sua veracidade, na sua evidência nua, no seu aborrecimento e, ao mesmo tempo, na sua presunção, na sua pretensão de ser o real, o imediato.” (1991, p.64).

3. Laranja Mecânica e a representação da violência:

Lançado em 1971, o filme é uma adaptação do romance homônimo escrito por Anthony Burgess em 1962. A adaptação foi escrita, produzida e dirigida por Stanley Kubrick. A obra representa a violência através da delinquência juvenil e, para isso, utiliza imagens que abordam sobre esse fenômeno a partir de aspectos sociais, políticos e econômicos, em um contexto futurístico. De acordo com Antony Burgess (citado por Saçashima, 2007) o título original da obra, *A Clockwork Orange*, é uma expressão da gíria “cockney”, que significa desajustado, desequilibrado. Refere-se a um indivíduo que odeia as instituições e os seres e, assim, os agride, mas sem nenhuma politização ou ideologia.

Alex DeLarge (interpretado por Malcolm McDowell) é o protagonista da trama. O personagem representa um jovem violento – de classe média – que tem entre seus interesses pessoais a música clássica (especificamente Beethoven), o sexo e a violência de forma desmedida. DeLarge lidera uma pequena gangue – formada também por jovens (Pete, Georgie

e Dim) – a quem ele chama de “drugues” (palavra originada do Russo e que significa camaradas).

Na primeira cena do filme a tela é tomada por uma cor vermelha, acompanhada de uma música com arranjos eletrônicos. Em seguida surge uma outra tela, mas desta vez ela aparece azul e acompanhada de um letreiro com o nome de Stanley Kubrick. E, por fim, uma nova tela vermelha surge, porém agora acompanhada do título do filme em letras brancas. Depois a câmera foca um personagem, permanece por alguns segundos, e posteriormente se abre nos revelando o cenário e, nesse primeiro ambiente, é mencionada a palavra “ultra-violência.”

O discurso de “ultra-violência” começa a produzir sentido, dentro da trama, no primeiro ato violento cometido por DeLarge e seus “drugues”. Na ocasião um mendigo embriagado é espancado. O sem-teto aparece cantarolando a canção *Molly Malone* sentado na parede lateral de uma construção de concreto. Alex surge com um discurso em que afirma que não suporta observar um velho bêbado e imundo. Posteriormente ele enterra sua bengala na barriga do mendigo, em seguida, a retira e o espanca.

Laranja Mecânica narra os crimes cometidos pela gangue de Alex, que ao ser preso é submetido a uma reabilitação polêmica, mas vamos nos ater a questão da violência que é o nosso objeto de análise. O enredo do filme é construído em cima dessa ambientação. Após Alex, Pete, Georgie e Dim, ingerirem uma substância líquida – similar a um leite – eles saem pelas ruas praticando atos de violência. Espancam um sem-teto idoso, como já foi dito, brigam com uma gangue rival, roubam um carro, espancam o escritor F. Alexander e, por fim, estupram sua esposa.

Posteriormente Alex visita uma loja de discos onde encontra duas garotas, Sonietta e Marty. Ele as leva para casa e mantém relações sexuais com ambas. Mais tarde seus “drugues” expressam descontentamento: exigem mais roubos de alto rendimento. E assim eles decidem invadir a mansão de uma rica mulher. Alex adentra na casa, enquanto seus “drugues” permanecem na porta da frente. Ele ataca a mulher com uma estátua fálica. Ao ouvir as sirenes da polícia, tenta fugir, mas Dim esmaga uma garrafa de leite em seu rosto, deixando-o atordoado e sangrando. E, por fim, ele é capturado e espancado pela polícia. Após a prisão passa por um experimento. Um tratamento, chamado de “Tratamento Ludovico”, desenvolvido pelo Estado com o intuito de reabilitar as pessoas, é testado no protagonista.

4. O simulacro e a realidade simulada – a violência como notícia:

Separamos três matérias – dos sites G1, Pragmatismo Político e Folha Online – para nossa análise. Todos os textos escolhidos abordam sobre um tema específico, agressão a moradores de rua. Escolhemos esse recorte, pois o primeiro ato de violência praticado por Alex e seus “drugues” em *Laranja Mecânica* foi justamente agredir um mendigo. Desta forma, pudemos observar como ficção e realidade se misturam e como o Cinema aparece na perspectiva de simulacro.

A primeira matéria analisada foi a do site G1 - *Jovens agredem e amarram morador de rua no interior de SP* – onde pudemos observar alguns pontos. Primeiramente o fato de que, segundo o Delegado Percival Bueno Neto, o mendigo agredido era um alcoólatra, mas que não fazia mal a ninguém. O segundo ponto é que a agressão não tem motivo aparente algum. De acordo com a matéria, cinco jovens agrediram um morador de rua na cidade de Lindoia, no interior de São Paulo. Os agressores, ainda, amarraram a vítima em um poste.

A segunda matéria é a do site Folha Online – *Adolescentes queimam morador de rua em Mato Grosso* – onde é relatado que quatro jovens agrediram e queimaram um morador de rua no Estado de Mato Grosso. Mais uma vez, o crime não tem nenhum motivo aparente. Por fim, observamos a matéria do site Pragmatismo Político – *Moradores de rua são queimados vivo por grupos de jovens e gritam por sobrevivência* - onde sete jovens agrediram e incendiaram dois moradores de rua na cidade de Santa Maria, interior do Rio Grande do Sul. Novamente o crime não tem comprovação de nenhum motivo aparente e como na matéria do G1, a questão da bebida é abordada.

5. Conclusão:

Jean Baudrillard (1991) apresenta a relação entre imagem e realidade, na medida em que procura superar conceitos existentes sobre imagem e reprodução; real e irreal. O autor compreende a sociedade como um espaço onde os simulacros e os sinais estão, de forma crescente, constituindo o mundo contemporâneo, de tal forma que qualquer distinção entre “real” e “irreal” torna-se difícil.

A partir de observações - tanto do filme de Stanley Kubrick, como das matérias analisadas - podemos estabelecer laços que ligam a ficção e a realidade, haja vista que um dos conceitos da narrativa de ficção é, muitas vezes, simular o futuro, antecipar os fatos e

estimular discussões. Em ambos – filme e matérias - mendigos são espancados por grupos de jovens. Podemos perceber que em todos os casos, assim como no filme, é desta forma que a violência é praticada. Outro ponto importante de destacar é o de que não existe nenhum motivo aparente. O que se configura em mais uma relação entre o filme e os fatos relatados: ambos falam sobre jovens que agredem, praticam violência, por prazer.

O terceiro ponto nessa relação entre filme e cotidiano é o fato de que – em três das duas matérias citadas – existe a relação dos mendigos e a embriaguez, assim como em *Laranja Mecânica*. Poderíamos então afirmar que o motivo das agressões é o álcool? De forma alguma. Não é essa a questão. A questão aqui é que não existem motivos que justifiquem os atos violentos. Não se trata de rivalidade, vingança, dívida, ou qualquer outro motivo, por mais banal que seja, mas sim da prática da violência como ação cotidiana, seja por uma sensação de impunidade ou, simplesmente, por uma ideia equivocada de desumanização dos moradores de rua.

Sendo assim, quando Baudrillard (1991) afirma que já não podemos separar o real e o irreal; é disso que o autor fala. Para ele as imagens produzidas pelos meios simulam a realidade e a realidade simula essas imagens, trata-se de uma troca onde cada qual oferece sua parte. Não pretendemos afirmar que *Laranja Mecânica* estimulou e ainda estimula a violência, a questão não é essa. Mas sim a forma de como ficção e fato se misturam e se relacionam em um contexto onde os signos e os símbolos produzidos - como extensão, antecipação, representação – fazem parte da própria sociedade, seja o real que influencia a simulação ou simulação que interfere no real. No livro de Baudrillard, tudo faz parte do mesmo jogo: real e irreal já não podem ser diferenciados.

Referências bibliográficas:

ALVES, M. L. P.; CALEIRO, M. M. **Simulacros e simulação: sucesso?**. Recife: Intercom, 2011.

AUMONT, J. et al. **A estética do filme**. Tradução Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1995

BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Tradução Maria João da Costa Pereira. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

GAUDREAU, A.; JOST, F. **A narrativa cinematográfica**. Tradução Adalberto Muller; Ciro Inácio Marcondes; Rita Jover Faleiros. Brasília: Editora Universitária de Brasília, 2009.

SACASHIMA, E. A. **A questão da violência no cinema de Stanley Kubrick: análise dos filmes Laranja Mecânica, Barry Lyndon e O Iluminado.** Dissertação (Mestrado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

VERNET, M. Cinema e narração. In: Aumont, J. et al. **A estética do filme.** Tradução Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1995.

XAVIER, I. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência.** São Paulo: Paz e Terra, 2005.

Portais e sites da internet consultados:

JOVENS agridem e amarram morador de rua no interior de SP. **G1**, São Paulo, 02 Fev. 2011. Cotidiano. Disponível em: < <http://migre.me/ldDhp> >.

Acesso em: 05 Ago. 2014.

MAGALHÃES, J. C. Adolescentes queimam morador de rua em Mato Grosso. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 15 dez. 2006. Folha Cotidiano. Disponível em: < <http://migre.me/ldDyb> >.

Acesso em: 05 Ago. 2014.

SOARES, L. Moradores de rua são queimados vivo por grupos de jovens e gritam por sobrevivência. **Pragmatismo Político**, São Paulo, 27 Fev. 2012. Direitos Humanos. Disponível em: < <http://migre.me/ldDri> >.

Acesso em: 05 Ago. 2014.

Filmografia:

APOCALYPSE Now. Dirigido e produzido por Francis Ford Coppola. Estados Unidos: CIC e BUENA VISTA / BUENA VISTA, 1979. 1 DVD.

BARRY Lyndon. Dirigido e produzido por Stanley Kubrick. Reino Unido / Estados Unidos: WARNER BROS, 1975. 1 DVD.

LARANJA Mecânica. Dirigido e produzido por Stanley Kubrick. Reino Unido / Estados Unidos: WARNER BROS, 1971. 1 DVD.

NOVA YORK Sitiada. Dirigido por Edward Zwick. Produção de Edward Zwick; Lynda Obst. Estados Unidos: 20TH CENTURY FOX, 1988. 1 DVD.

SÍNDROME da China. Dirigido por James Bridges. Produzido por Michael Douglas. Estados Unidos: COLUMBIA PICTURES, 1979. 1 DVD.